

Margarida Vale de Gato*

“Vírus e virgens” e outros poemas

VÍRUS E VIRGENS

HPV 18 e SARS-CoV-2
para E. M. Silva

Então um dia vais à médica, tu
já sabes, a rotina dos monitores
no diagnóstico da mulher, cuidado
continuado para te ensinar
a submeter – só não esperavas
tão cedo esses *achados neoplásicos*
anormais, um qualquer contágio
casual, mas de arraigada estirpe
com promíscua aura envolvida –
um espectro punitivo a prazo
extremo – embora chato, de imediato
seja a inibição de foder na maioria
mais consensual das aceções do ato.

Assim, sanitizas a tesão do verso
em favor da saudável nova
virgindade. Falas da política
e do místico *élan* da tradução, esmiúças
a falha semântica entre *fiel* e *leal*
(temes como nunca idade e solidão
temes quanto temos de não
medido, não substituível, datável,
rotundo não planificável, a boca
coses, o mundo recíproca);
fazes do amor livre indelével
teoria, pensas na propriedade

da palavra *azeite* na parábola
das virgens proscritas, que
o dispersaram, e das premiadas
que armazenaram na noite, pensas
em hímenes e ímanes, na noite
candeias, cadeias no dia, pensas
na cigarra quente, na formiga
fria, nas ideias nacionalistas
dos românticos que restauraram
as fábulas, pensas
na jacobice ocidental, que
mal é condicionar a vida, que
descanso de consciência o bem, pensas
noutras tradições, todas as confissões
contra o excesso, pensas em sexo

e acode a falácia de culpar
a doença no descaso alheio:
o ponto de corte do nexo entre
hábito e biologia – aliás, que
seria da civilização sem a doença?
do salvador sem as virgens, das virgens
sem o útero, da terra
sem cataclismos, dos pobres
com seguro, et cetera - aliás, que
interessa o sacrifício da poesia
ao protesto ou do verso ao poder
do estável, da imunidade
ao progresso, se isso
tem redenção humana? viável
teste, vacina, planalto
ideal, mas o que intentas
a cada linha horizontal é ver
se te esqueces

como era ter sexo?
não vais longe no que toca
à peste.

PENITÊNCIA

tu querias elevar-me num escadote de ferro, eu
apanhava um choque no casquilho do céu, minha
cabeça criança rebolava; nós
tínhamos uma incumbência numa mansão onde tu
me evitavas nos salões, lançavas
anátemas, eu distribuía papéis, chegada a ti
tu retribuías tomando-me nos braços trocistas e pelo oco
torcias-me pelo cotovelo
que não se devia ler alto assim ninguém
se identificava ninguém
sabia mas todos fitavam suspeitos, tu
insistias, eu ia prevenir, só que ao contrário agora
era a voz, os textos não chegavam para todos
ninguém escolhia o meu

só tua mulher nem sombra de quem fui
a pedir ansiolíticos, eu
desconhecia para quê tu
alucinavas a canção a um bando de ávidos
sobre um entulho de búzios e quebravam
porque era ao pé do mar, o lastro de poluição o seu
rebordo o teu divinal delírio o meu
luto e o mundo tão grande desperdício, eu
troço de cordões de querosene para evitar manchas
às mãos de Pilatos, tu
que me fazias o jejum de teu vício

A ESCADA DO MAL

antes perversa que íntegra
antes malícia que perfídia
antes volúvel que solúvel
antes manchar que estancar
antes dobrar que pregar
antes prega do que treva
antes treva do que cega
antes trôpega que chita
antes chita do que hiena
antes gárgula que helena
antes arqueira que argueiro
antes cravo do que trave
antes cruz que cruzeiro
antes turista que anfíbia
antes anfíbia que estática
antes esquiva do que mansa
antes autista que sávida
antes esquina do que esconso
antes saloia que sonsa
antes chá do que veneno
antes copo do que sopa
antes sopa que arsénico
antes verbena que urtiga
antes agreste que azeda
antes daninha que medrosa
antes medrosa que maninha
antes maninha que rasteira
antes gatas que de rojo
antes larva que dengosa
antes Malinche que Cleópatra
antes Pompeia que esposa
de César
antes cadela que dono
antes pega do que proba
antes rata do que esperta

antes carcaça que bútio
antes vício que agarrada
a chave fiel
dourada
antes pintada que certa
antes *poseuse* que anel
antes pobre que promessa
antes tudo do que essa
sobrestimada mentecapta
palavra
de honra
antes arsénico

MONTADA, OFERECIDA POR CONTA DO TAL FOGO

dotada, imperiosa, jeitosa avaria:
a matrona afoita trepa pelos dias.
Destapa, tranca a bagagem, tropeça:
alegria, pragas, totens, rogo, miséria

alheia ao cônjuge que só pensa depois
porque é tanta a tralha humana
não acode logo

o que saltou na história de tal forja
clandestinamente aberta, partida
para o marido, trama de titãs,
pirómano complô: Pandora.

NOTA

* Margarida Vale de Gato traduz, escreve, e é assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorou-se em 2008 com uma tese sobre a receção de Edgar Allan Poe na lírica portuguesa. Traduziu Henri Michaux, Mark Twain, Yeats, Marianne Moore, Jack Kerouac, Iris Murdoch, entre outros, tendo recebido o Prémio de Tradução Alberto de Lacerda em 2012. Publicou os livros de poesia *Lançamento* (2016) e *Mulher ao Mar* (este último, um projeto em curso desde 2010) e, com Rui Costa, a peça de teatro *Desligar e Voltar a Ligar* (2011).